

# O POVO DE BRAGA

JORNAL POLITICO, RELIGIOSO E LITTERARIO

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS

Redactores o Bacharel J. A. Gomes Pereira e J. Leite.

N.º 21

Preço d'assignatura  
Anno 15500 rs., semestre 900 rs.  
e trimestre a findar em 30 de junho 500 rs. Os artigos assignados são extranhos á redacção.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Administrador do Jornal, O POVO DE BRAGA, Typographia Lealdade, Rua de Jano. Vende-se por 40 rs. em todos os Kiosques da cidade.

Preço dos annuncios

Por linha..... 20 rs.  
Repetição..... 10 .  
Communicados ..... 20 .

1880

## EXPEDIENTE

Áquelles srs. a quem tomamos a liberdade de enviar o nosso jornal, e o não queiram receber, pedimos o obsequio de o devolver a esta redacção, para assim podermos regularizar os nossos trabalhos: caso o não façam, contal-os-hemos em o numero dos nossos assignantes.

BRAGA 27 DE JULHO

Já não será facil encontrar n'esta cidade e diocese homem de senso commum, que tome a serio esse brulesco *Melchisedech*, que para ahi se alberga de dia no paço dos arcebispos, ás noites n'uma quinta chamada de Cabanas. Mas como a sua alta posição lhe dá uns certos fôros e privilegios, que todos respeitam quando são o apañagio d'um verdadeiro merito e d'uma provada superioridade, vamos transerever um inepto e imbecil edital, que elle acaba de publicar a respeito d'uma procissão que todos os annos costuma percorrer de madrugada, as ruas d'esta cidade, no proximo dia 10 do corrente.

Eis o edital:

D. JOÃO CHRISOSTOMO DE AMORIM  
Pessoa, por mercê de Deus etc.

A quantos o presente edital virem, saude e paz para sempre em Jesus Christo Nosso Divino Salvador.

Fazemos saber, que por parte do juiz e mezarios da irmandade de Nossa Senhora d'Ajuda, e S. Sebastião das Carvalheiras, d'esta cidade de Braga, Nos foi representado que, desde romotos tempos, costumam festejar ao invicto Martyr S. Sebastião, no dia 10 de agosto, precedendo a toda a função uma procissão em volta dos antigos muros da cidade, na manhã do dito dia com as Imagens dos gloriosos Martyres S. Lourenço e S. Sebastião, e sua reliquia, em acção de graças a Deus Nosso Senhor, que por intercessão d'estes Santos Martyres livrou os habitantes d'esta cidade, do flagelo da peste, que assolou todo este reino no anno de 1579, á qual procissão são obrigadas a acompanhar todas as confrarias da cidade. Em vista do que, e do mais que os ditos mezarios representaram, os auctorisamos para celebrarem no presente anno a dita festividade no dia 10 de agosto: e Manda-

mos aos confrades de todas as confrarias erectas n'esta cidade acompanhem a mesma procissão na fórma do antigo costume e sob as penas comminadas na Constituição Synodal d'esta Archidiocese Primaz das Hespanhas. E para que chegue ao conhecimento de todos, Mandamos passar o presente edital que será affixado no anteparo da Sé Primacial.

Dado em Braga sob Nosso Signal e Sello das Nossas Armas, aos 3 de agosto de 1880. E eu padre José Luciano Gomes da Costa, secretario da Camara, o subscrevi.

João Arcebispo Primaz

Agora uma pequena analyse, e umas rapidas observações.

A respeito de grammatica, só diremos que nos doe o coração, quando vemos reprovár em instrução primaria umas pobres crianças, por não saberem descubrir o sujeito ou o verbo d'uma oração, ou porque não dividiram bem as orações d'um periodo qualquer, e lemos depois n'um documento official, firmado pelo nome d'um prelado, laureado com um capello em theologia, um amontoado de orações, amarradas uma nas outras, por uns *ques* e por uns participios, dentro de 18 linhas de composição typographica, sem grammatica nem syntaxe de ordem alguma.

E depois! Quando s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> dá licença para se fazer a festividade e a procissão, com que elegancia nos diz elle: *Em vista do que, e do mais que etc. etc.*, Mandamos que os confrades vão á procissão *sob as penas comminadas* nas constições diocesanas?!

Ora sr. arcebispo, *em vista do que e do mais que*, commina v. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> penas aos confrades das confrarias d'esta cidade, que faltarem á procissão de S. Lourenço?

Em que capitulo das constituições diocesanas foi v. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> encontrar penas para semilhanes faltas?

Serão as penas que o capitulo relativo á procissão de Corpus Christi impõe aos clerigos, que a ella faltam, ou outras as que v. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> está resolvido a applicar aos confrades das confrarias d'esta cidade?

Será a excommunhão, ou alguma pena peccuniaria *paga do Aljube*, o castigo que v. ex.<sup>ma</sup> tencionã impôr aos seus diocesanos?

Não o sabemos.

Porque não foi s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> claro e explicito no seu difuso edital, dizendo-nos quaes as penas em que incorriamos, e o

modo de as satisfazer, o tempo da sua duração, emfim, porque não diz claramente a lei em que devemos viver.

Ora sr. arcebispo primaz, affaste de si esse impertinente pruido auctoritario, que lhe empola a epiderme; e não se dê mais aodisfrute com bravatas, que não intimidão ninguem, porque todos nós sabemos até onde chega a alçada da sua jurisdicção.

O feudalismo nunca existiu francamente em Portugal, e hoje é elle impossivel; por isso não se illuda, suppondo que alguem o considera n'esta diocese como — Senhor de Braga. —

O senhorio de s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> está circumscripto ao espaço que occupam no papel, as letras com que o escreve, e nada mais

Seja, pois, cauteloso na redacção dos seus editaes, e em todas as peças officiaes que sahirem da sua secretaria, para não dar occasião a que lhe sejam commentados muito desagradavelmente.

Nós já temos de sobra na *Semana Religiosa*, com que entreter os nossos leitores, como teremos occasião de lhes provar: e por isso pôde s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> estancar a torrente das tol... das bellezas litterarias com que nos tem mimosiado.

O Monsenhor de Mantellona Pompeia e Bimbas, que na fecundidade de seu ingenho, na prespicacia do seu atilado espirito, e no desejo sempre ardente de por *fas* ou por *nefas*, defender o seu prelado, imaginou primeiro o — protesto espontaneo do clero — e depois as peregrinações á quinta de Cabanas, afrouxou agora tanto no seu zelo, que parece houve na mente, completa revolução de suas ideias.

Pensará agora d'um modo diverso, este alto dignatario do Vaticano bracaraense?

Reconheceria que foi asneira, o querer se elle impor á opinião tão acentuadamente manifestada do publico bracaraense?

Seria elle intimado pelo sr. Arcebispo, para não mais continuar n'essa farça ridicula de chamar os arceprestes e a clarezia, a virem á quinta de Cabanas, coroar de *paludos e sécos* louros, a s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup>?

Não sabemos: porque os altos mysterios do Paço archiepiscopal são tamsó-

mente propriedade dos *Ticios* = dos *Simplicios* dos *Mantellonas*, e dos *Bimbas*!

Ouvimos porém dizer que o sr. arcebispo ficou tão enfartado das zumbaias dos clérigos de Ponte do Lima, e tão receoso das análises e commentos do publico, que impoz ao *Mantellona*, que por uma vez acabasse com a tal bexiga das peregrinações.

Louvamos ao sr. D. João por este acto de bom-senso; mas não podemos deixar de lamentar que s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> abrisse tão tarde os olhos, para ver esse tristissimo papel, a que se estava prestando, sem proveito para o seu credito, nem resultado para a sua causa.

No entanto, mais vale tarde que nunca; e oxalá que s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> se convença, que não é com farças, nem tão pouco com bexigas e entrudadas, que ha de restaurar a sua fama, e elevar-se como deve, no conceito d'este publico.

Afaste o sr. D. João Chrysostomo para longe de si, os homens que o compromettem e o illudem, e depois, talvez não seja difficil obter a reabilitação desejada.

Lembre-se pois o incriminado arcebispo d'aquella sentença da Escriptura que nos diz: — *cum bonis bonus eris, et cum malis preverteris.*

**Um grande favor feito ao publico.  
pelo sr. Arcebispo Primaz**

Gostamos de ser sinceros, e mais que tudo, prezamo-nos de ser justos. Não podemos pois, deixar de hoje ellogiar um acto da publica administração de s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup>, que mostra mais uma vez, que o sr. D. João não se esquece de que é o pae dos pobres, e protector dos desvalidos.

Referimo-nos ao abundante mercado de peras, ameixas, perelicos, alfices, couves e outras fructas do chão e do ar, que o providente prelado estabeleceu no seu paço, na quinta de Cabanas, e em o novo seminario, onde tambem ha mercado de cavacos e tabuas velhas, a 400 reis o carro, e 40 e 20 rs. o cesto!

São tão acertadas e de tanto alcance social estas salutaras medidas adoptadas pelo caridoso e benigno prelado, que nós nos despensamos de as encarecer.

N'outros tempos, quando no paço haviam arcebispos *pulhas* e *indecentes*, via-se ás segundas feiras aquelle espaçoso largo da Galeria apinhado de pobres, para receberem as esmolinhas, que os arcebispos mandavam sempre repartir pelos seus famulos.

N'outros tempos, a fruta que sobrava do abundante serviço da casa, dava-se aos pobres e indigentes.

N'outros tempos, sobiam e desciam aquellas escadas do paço archiepiscopal a pobreza e a miseria, porque tinham para si, e não se enganavam, que a casa d'um arcebispo deve ser o primeiro abrigo dos pobres. Hoje, porém, não é assim.

Isso de pobres e miseraveis foram todos varridos d'aquella casa!

O sr. D. João é grande do reino, e é principe: e a grandeza e honras principescas não as quer s. ex.<sup>a</sup> misturadas com os piohos e as miserias dos pobres.

S. ex.<sup>a</sup> não dá a fructa do chão dos seus quintaes: prefere vendel-a, para nos ensinar a sermos poupados e economicos; vende as fitas de madeira e cavacos, para ensinar á pobreza como se ajunta, e como muitas moedinhas de 20 e 40 reis, fazem uma avultada somma no fim de certo tempo.

Finalmente, o nosso bondoso e caritativo Pastor não quer dar essas pequenas esmolinhas, porque ellas só aproveitariam ao que as recebe, ao passo que, vendendo-as em hasta publica, abastecer o mercado, traz a todos a abundancia, faz girar os capitaes, torna notavel a nossa praça, faz de Braga uma terra grande, no que vae um beneficio para o publico. Ora, o nosso amoroso Pas-

tor prefere o bem publico ao particular: e n'isto, bem longe de ser o seu procedimento sensuravel, pelo contrario é digno dos maiores elogios e das benções dos seus subditos.

Pela nossa parte agradecemos ao sr. arcebispo primaz, o beneficio que está despendendo ao publico bracarense; e como estamos, mercê de Deus, em annos de fructa, lembramos a s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> se não esqueça de mimosear ao — *Monsenhor* — com uma cebola e de enviar ao celebre P.<sup>o</sup> José da Vicencia, uma abobora, com tanto que não seja das meninas, porque a Constituição do arcebispado só as consente de 40 annos para cima.

Valha-nos Deus sr. arcebispo!

Que *«coração tão magnanimo»* para os taes clérigos de Ponte: mas que pulhismo e que miserias para todos nós que o contemplamos!!

Valha-nos Deus!

**Responde stulto. juxta stultitiam suam.**

Nunca, como hoje, foi tão apropriada ao nosso intento a grande sentença da divina Sabedoria, quando nos recommenda que — *«aos parvos se deve responder conforme a sua parvoice, para não passarem por sabichões.»*

E os clérigos protestantes de Ponte do Lima, a quem não queremos conceder a coragem e impudente valôr de affrontar a opinião d'uma sociedade inteira, consideramol-os tão parvos, tão estultos, e tão loucos no seu intento de adular o Arcebispo de Braga, que nem sequer lhes responderiamos, a não ser o receio que temos de que o *Monsenhor* e outros arautos, tomem o nosso silencio como confirmação e aplauso d'aquellas vilissimas lisonjas, e d'aquelles abjectissimos salamaleks.

Tapem os nossos leitores a bôcca e o nariz, munão-se previamente com um efficaz desinfectante, porque vae ser grande o nôjo que os assalta, ao lerem os abjectos e ascorosos periodos da tal mensagem dos *vicencias* de Ponte do Lima.

Eil-os:

*«Mas os sinceros admiradores das acrisoladas virtudes, que adornam o magnanimo coração de V. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, certos do muito que esta archi-diocese deve á rectidão, com que V. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> a tem administrado, sem deixar de exercer a sua natural benevolencia; conscios da solicitude, com que v. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> promove a extirpação dos abusos, fomenta a educação do clero, e todos os mais ramos de serviço e melhoramentos, lamentam que a cegueira das paixões não deixe ver aos detractores de v. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> um digno successor dos venerandos D. Fr. Bartholomeu dos Martyres e D. Fr. Caetano Brandão, no actual prelado bracarense. E' esse o sentimento de seu coração; mas a sua consciencia ferir-se-hia de remorsos, accusal-os-hia d'uma quasi cumplicidade, se não protestassem com todo o vigor da sua indignação contra o insolito procedimento dos que, propalando infamias pela imprensa, ousam calumniar o seu dignissimo prelado.»*

*E foi para dar satisfação aos dictames de sua consciencia e nunca por obediencia a lisonjas, que o mais indigno arcepreste d'esta diocese, e os ecclesiasticos do seu districto formolaram por escripto o protesto que tiveram a honra de fazer subir ás venerandas mãos de v. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup>, protesto que o arcepreste de Ponte do Lima, os parochos e mais ecclesiasticos presentes, por si e em commissão de todos mais ecclesiasticos do seu districto veem pessoalmente ratificar e confirmar, significando ao mesmo tempo a v. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> o seu desagrado e absoluta reprovação, contra as offensas e calumniosas imputações de que está sendo*

*victima na imprensa periodica, o seu muito amado e respeitabilissimo prelado.»*

Bravo! bravissimo! sinceros admiradores de Ponte do Lima!

Sim! as virtudes do arcebispo de Braga foram, ainda á pouco, depuradas no crisol, que os srs. Oliveira Valle e Rodrigues de Freitas lhe prepararam no parlamento.

A magnanimidade do seu coração attestam-na ahi bem alto os rasgos de generosidade por s. ex.<sup>a</sup> praticados. As esmolinhas de 10, e algumas de pataco; a miseravel placa de 200 reis distribuida na quaresma, ás portas das igrejas, por 20, 30, 40 e mais pobres que ali se reúnem. As duas cordões que o sr. D. João deu como gorgeta, aos criados do fallecido padre Peixoto de Barcellos. (a)

As plumas e enfeites da sua parelha, por occasião da entrada solemne que ainda está por pagar: a entrada para irmão de Santa Cruz, d'onde foi riscado por não pagar; as suas armas que mandou fazer e collocar na cupula do altar mór da cathedral, e que não pagou: e finalmente aquella festa, aquelle baile tão faustoso e tão luzido por occasião da entrada solemne de s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup>, onde se pretendeu ostentiar as pompas e grandezas d'um Crezo, mas que apenas deixou perceber as pequenezas e miserias d'um Cágado.

Baile, que foi alumiado por vélas de esteirina de 5 ao arratel, de proposito mandadas comprar pelo sr. D. João, para ás 41 horas da noite estarem gastas e os hospêdes na rua!

Baile, para o qual se fizeram 600 convites, e o serviço foi feito apenas com um fiambre e 32 garrafas de vinho do Porto (b)!!!

Baile, onde o *magnanimo coração* do sr. D. João Chrysostomo, julgando talvez os outros por si, mandou pôr em cada uma das salas, um clérigo para fazer a policia, e vigiar que lhe não roubassem alguma colher de prata!!

A rectidão com que na diocese de Braga se administra a justiça é tão notoria, tão conhecida, e por todos tão apregoada, que escusado se tornava virem agora os clérigos de Ponte erigir um monumento, á rectidão do prelado bracarense.

A prova da justiça e rectidão do sr. D. João Chrysostomo, ella lá está no proprio concelho de Ponte do Lima, onde o virtuoso e dignissimo reitor de Cabanos é intimado «para ser examinado, por não saber cumprir com os seus deveres,» e aquelle devaso e immoral, aquelle incendiario publico, o tal celeberrimo P.<sup>o</sup> José da Vicencia, é declarado pela propria bôcca de s. ex.<sup>a</sup> — um benemerito da igreja, um padre á altura da sua missão!!!

Mas se este argumento não colhe por ser de casa, percorramos os outros concelhos, que temos provas aos centos, e exemplos aos milhares.

O virtuoso e respeitavel D. Joaquim da Boa-Morte é vilipendiado por uma portaria do sr. D. João Chrysostomo, que alicinha aquelle dignissimo sacerdote de ladrão, e lhe manda «restituir uns cobres etc. etc.» e o celeberrimo encommendado de Figueiredo d'Amares, que foi *in perpetuum* expulso d'aquella encommendação pela sentença da Relação ecclesiastica que o condemnou pelo crime de perjuro, é, a pedido d'um deputado, restituído á mesma encommendação!!!

(a) Quando os creados se queixaram ao fallecido padre Peixoto, de que o arcebispo só lhes tinha dado 15000 reis, aquelle cavalheiro e mui digno padre respondeu: *deixou-me mais para vós 95000 reis. Deus-lhes duas libras, e salvou assim a dignidade do arcebispo de Braga!!*

Que lição para o sr. D. João Chrysostomo!!

(b) O sr. arcebispo foi o proprio que ensinou a cortar o fiambre em hostias transparentes, e recommendou que lhe aproveitassem as aparas para a sopa, e lhe deixassem um tracinho para o seu almoço do dia seguinte.

E digam lá que o homem não é franciscano!

Eis a justiça e rectidão que os admiradores de Ponte do Lima nos querem inculcar, como o apogeo da gloria do sr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa!!

Agora para extirpação de abusos e fomentar a educação do seu clero, oh! que zelo, que dedicação, que esforços não tem empregado o prelado bracarense!

Nem d'isso nós precisamos, porque os exemplos movem mais que as palavras, e depois de s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> chamar para seu lado os Saulos repentinos, e os Loíóias de especulação, a graça, a extirpação dos abusos, a morigeração do clero, hade necessariamente nascer por si mesma, hade vir *ex opere operato*, e não precisa dos esforços do reformador e moralissimo prelado, para se conseguir em toda a sua diocese.

Sim! nós cá temos as virtudes a pulularem, a moralidade a crescer, e a cidade dos arcebispos a transformar-se n'uma celeste beatitude

Como exemplares de moralidade e d'austeras virtudes, ninguém poderá pleitear competencias, nem disputar merecimentos a esses notaveis e famosos clerigos, que s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> escolheu para os principaes cargos ecclesiasticos da sua diocese.

Temos por cá mais do que um Saulo convertido, sem ter escutado na estrada de Damasco, a voz misteriosa do anjo da penitencia.

Temos por cá sombrios e tenebrosos *chronistas*, que fulminavam com o *Raio* e precipitavam no *Purgatorio* as vidas intimas de familias respeitaveis d'esta cidade; encubriendo a responsabilidade das suas perfidias e malevolencias, com nomes de individuos estranhos a ellas, e com os quaes viviam na mais cordeal intimidade.

Temos o filho desobediente e que levanta mãos sacrilegas contra o auctor de seus dias, maneando por motivos insignificantes, o gladio covarde de suspensões *ex informata consciencia* contra os padres com quem embirra.

Temos auctoridades ecclesiasticas que nos fazem suspeitar muito da sinceridade do ascetismo que hoje inculcam, quando nos recordamos da espontaneidade com que outrora lhe ouviamos affirmar, que precisavam fazer confissões geraes, para illudir os parvos, e desarmar os carceres.

Temos... Basta... Não... Não entremos nos medonhos antros de certas torpezas.

Ha misérias cuja exposição nos é vedada pelo respeito que devemos aos nossos leitores, a nós mesmos, e á classe clerical de que os accusados fazem parte.

—Eis os espelhos que o sr. D. João Chrysostomo nos apresenta, para n'elles se mirar o clero da sua diocese.

Felizmente porém approve a bondade de Deus enviar um sopro providencial, que embaciou os taes espelhos, e os tornou logo na origem incapazes de reflectir luzes, que sirvam para alguma cousa util.

E o sr. arcebispo não modifica o seu governo.

E fecha os ouvidos ás vozes da opinião publica.

E prosegue com a cegueira propria do incorregivel, na senda das criminosas imprudencias.

E ri, e zomba, e atravessa as ruas d'esta cidade com a impudencia do cynico, e com o descaro do arlequim, distribuindo benções que todos lhe regeitam, sem se lembrar que a paciencia dos homens honestos da sua discese póde esgotar-se; e que a essa hora, o primeiro garoto que lhe atravessar as vidraças do seu grotesco carro, com uma pedrada, poderá ser perante os tribunaes o réu d'un attentado, mas perante esse outro tribunal incorruptil—a opinião publica—hade ser olhado como o vingador soberano da moralidade e da justiça.

Damos hoje por finda a resposta aos clerigos de Ponte do Lima; e lamentamos que o excesso das suas indiscretas e inconvenientes lisonjas nos obrigassem a escrever, o que nunca veria a luz da publicidade, se o atrevimento e uma inepta audacia nos não viesse provocar.

Senhores protestantes de Ponte do Lima!  
A moralidade publica exige que vos ca-

leis; mas se a vossa estolida vaidade, ou a vossa ignobil especulação vos aconselhar a vir outra vez thuriferar com podres ensensos, o *Lazaro* que jaz no ignominioso sepulchro do desprezo publico, não vos irriteis se verdes estampadas nas columnas do nosso semanario, todas as torpesas e todas as immundicies, d'esses leprosos, que por ahí passeiam livremente á sombra da benevolencia do delegado de saude, que por indiferença ou por esquecimento, os não obriga a uma quarentena forçada, a distancia de duas milhas pelo menos, d'esta saudavel e hospitaleira cidade.

**Explicação do sentido misterioso e apocaliptico da carta dirigida a s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> o sr. D. João Chrysostomo, pelo sr. Manoel Bernardino em 27 de dezembro de 1877, e transcripta no nosso ultimo numero.**

Para satisfazer ao empenho do rev.<sup>mo</sup> sr. J. M. P. e Cunha, do concelho de Terras de Bouro, tão ardentemente expresso na carta com que nos honrou em data de 3 do corrente, cumpre-nos dizer a s. rev.<sup>ma</sup> que aceitamos como expressão de zelo immoderado e d'uma intrujice salaia, os dilates em que abundam as suas apreciações a nosso respeito, e a respeito do author da carta acima referida.

E como estamos resolvidos a pagar todas as dividas, que por ventura tenhamos contrahido, ou houvermos de contrahir na pendencia, que o sr. Arcebispo Primaz, e os seus caudatarios abriram comnosco, desde já enviamos intactos ao rev.<sup>mo</sup> sr. P.<sup>o</sup> Cunha, os variados epithetos, com que nos faz a mercê de mimosiar, affirmando-lhe que estamos plenamente vingados de s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup>, publicando as suas cerebrinas explicações, e os insultos que n'ellas nos dirige.

Ora ahí vae para edificação dos nossos leitores, mais uma defeza original do sr. D. João Chrysostomo.

Tudo o que n'ella se encontrar, que mereça gargalhada, ou que provoque palmatoadas, desde a tolice na idéa até ao conceito na grammatica, pedimos á benevolencia dos nossos leitores que o tomem á conta d'uma expressão d'allienado e nada mais.

—«Srs. redactores ou chefes do jornal *Povo de Braga*:

No vosso ultimo numero veio publicada essa celebre carta, que o *taes* Manoel Bernardino diz ter escripto, para insultar o nosso venerando prelado, e dizem vv. que não entendem alguns pontos da mesma carta por serem escriptos em estillo *siblineo*.

Grande é a vossa ignorancia srs. escrevinhadores do *Povo de Braga*. Então vv. não entendem a *taes* carta? Pois vou eu tirar-lhe as cataratas, e vereis, depois que cada um dos priodos d'essa carta é uma grande honra e uma gloria para o sr. arcebispo.

Diz o sr. Manoel Bernardino, que s. ex.<sup>a</sup> se abonava com a grande amisade que tinha ao Santo Padre Pio IX, e parece inculcar maliciosamente, que tal amisade nunca se dera. Ora, pois, saibam todos, que o sr. arcebispo, era tão amigo do Papa, e o Papa do sr. arcebispo, que até o suspendeu, para lhe poupar massadas e desgostos lá com essa padralhada da India, e saibam mais os *ignorantes* redactores do *Povo de Braga*, que o sr. arcebispo ainda hoje é reputado em Roma como um dos prelados portuguezes, que milhores serviços presta á Egreja. E quererem saber os motivos de tão bem merecida reputação? ouçam o que lhes vou dizer. O sr. Arcebispo logo que foi despachado para Gôa, começou a ser victima de muitas intrigas, e receando s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> que os seus inimigos gratuitos lhe embaçassem a sua confirmação, foi ter com um tal sr. *Matera*, que ao tempo fazia as vezes de Nuncio, o prometteu-lhe que o havia de informar de tudo quanto passasse com o governo a respeito dos negocios do padroado. E para evitar mexericos e enredos, foi ter com o ministro do Ultramar fazendo-lhe igual promessa a respeito do que passasse com o Nuncio. Agora diga-me o sr. Manoel Bernardino; não será muito para louvar semelhante prudencia? Não devia ser este procedimento d'um

prelado patriota, e que não quer abrir conflicto entre o governo do seu paiz e a auctoridade do seu pontifice? Certamente.

O sr. arcebispo delatando em segredo ao Nuncio o que passava com o ministro, e ao ministro em segredo o que passava com o Nuncio, punha a descoberto todas as intrigas e todos os mexericos, e prevenia ao mesmo tempo o representante de Roma e o Ministro do seu paiz. O contrario seria atraioçar Roma ou a patria.

Diz mais o *taes* sr. Manoel Bernardino, que o nosso amoroso prelado bota *ignominioso desprezo* pela imprensa. E' falso, é mentiroso. O sr. arcebispo tambem é escriptor de priodicos, mas dos religiosos, como são a *Semana Religiosa*, e o *Commercio do Minho*; haja vista o folhetim d'este ultimo jornal, intitulado *Sermão do Mandato*, cujo authographo serviu no pulpito para edificação do seu rebanho, e na imprensa para deleite dos piedosos leitores d'aquella folha.

Fala depois o sr. Manoel Bernardino nas *inimitaveis pastoraes e fantasticos discursos* de s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup>. E' caso para dizermos com o vulgo,—o teu inimigo é... Valha-o Deus sr. Manoel Bernardino: porque chama s. ex.<sup>a</sup> ás pastoraes *inimitaveis*, e aos discursos *fantasticos*? E' porque não entende nem umas nem outras; e tem inveja de quem tanto sabe ellevar-se.

Demais a mais o sr. arcebispo nunca pronunciou discursos phantasticos; pois antes dos recitar tem o cuidado de os lér em livros Orthodoxos, d'onde os vae copiar depois pelo proprio punho, para não andar fluctuante em todo o vento da doutrina, como diz S. Paulo, ou Santo Affonso de Ligorio, que são authores que não estão no index, e que só os theologos lêem.

Emquanto aos taes focos de sciencia e de erudição, sempre direi aos taes redactores do «*Povo de Braga*», que nunca n'essa cidade houve uma inundação de sciencia e sabedoria como actualmente ha.

Se vv. tivessem conhecimento da historia contemporanea, lembrar-se-hiam da estupidez que por ahí reinou nos tempos em que fasia figura, essas vulgaridades ineptas e imbecis, conhecidas pelos nomes, de Manoel José Leite, Ignacio José Peixoto, Fr. Domingos Vieira, P.<sup>o</sup> Antonio Pereira, O Santa Christina, dr. Miguel Gomes Soares, Fr. Miguel Justino, Capellão de Santa Cruz, P.<sup>o</sup> Martinho, P.<sup>o</sup> João de Bouro, dr. Antonio Bernardo de Moraes Leal e outras insignificancias, que nem pela sciencia nem pelas virtudes se recommendavam. Estes eram umas grisetas impreceptiveis incapazes de nos desfazer as trevas, em que andavamos, e muito menos de defender essas cousas, que para ahí houve n'outro dia, na relação ecclesiastica, chamadas *tezas* ou *tretas*, ou *therecas* ou o diabo, mas que segundo me constou pelo meu abbade, aquillo acompanhado a sóla e fagote, com umas piadas que lhe atirou pelo meio o sr. dr. Moreira Guimarães, e as benções do sr. arcebispo, era mesmo de fazer vir a lagrima ao olho.

Oh felizes tempos do petroleo e «do gaz» liquido, que tantos prodigios mostraes ao mundo n'estes filhos dilectos da nova idéa, que são a gloria da sciencia e o eterno pesadello d'esses massudos padres mestres do meu tempo.

Bem haja o nosso amoroso pastor, que desde a grammatica até á theologia, e desde o *Cassitus* até a protentosa conversão dos participios de perterito, em oração do presente, fez uma tal revolução, que bem podemos dizer com o poeta:

Oh Braga que foste Braga  
Oh Braga que já não és,  
Oh sciencia que te arrebolas  
Com a cabeça para os pés.»

(Continúa)

**O DINHEIRO DOS POBRES**

Lembramos ao sr. arcebispo primaz, a necessidade de distribuir pelos pobres e em obras pias, os 40:000\$000 e tantos contos de reis que s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> tem em seu poder, provenientes das multas

por dispensa de proclamas: e que, estando aferrolhados na gaveta de s. ex.<sup>a</sup>, estão desviados do seu fim, porque nada aproveitam á humanidade.

É possível que alguém lucre com o deposito d'essa avultadissima quantia; mas o que é certo, é que o pobre, a viuva envergonhada, o orfão desvalido que são tão senhores d'esses quarenta e tantos contos de reis, como o sr. D. João é senhor do seu *brevario*, esses estão morrendo á fome e á miseria, enquanto que o arcebispo de Braga se entretém a encartuchar aque lles milhares de libras

Isto não póde assim continuar.

A pobreza de todo este arcebispado tem direito a ser soccorrida: e clama ao céo vingança o prival-a d'aquelles avultados soccorros, que a caridade publica lhe dispensa.

Entregue pois, sr. arcebispo, entregue aos pobres aquillo que lhes deve.

A TEIA DAS MISERIAS

(Continuado do n.º 20.)

Continuamos com a tarefa que nos propozemos de mostrar á *Palavra*, d'onde procedem os intrincados fios d'essa teia de misérias, que tanto tem envolvido o sr. D. João Chrysostomo, e nos parece que o hão de envolver e emmaranhar a ponto, que difficilmente s. ex.<sup>a</sup> d'elles se poderá desprender.

Nós o que dezejamos é varrer a nossa testeira, e como Pilatos, lavamos as mãos no sangue d'este justo.

A *Palavra* ajuste as suas contas com a *Nação*, jornal catholico, que por certo não seria leviano ao escrever o seguinte, com relação ao arcebispo de Braga.

Eis o que diz este jornal:

«Dirige-se-nos ainda hoje a *Regeneração*, com ares de uma sobranzeria, que lhe não admittimos, e com uns certos modos, que, felizmente, não nos assustam.

Olhe, collega, não veio bem; em vez de se voltar contra nós, devia ir se direito ao paço archiepiscopal. Em vez de se levantar d'ahi com umas invectivasitas, a vêr se chegavam a incomodar-nos, era melhor que procurasse influir no animo do prelado, para que, directa ou indirectamente, dissesse alguma coisa no jornal official da archi-diocese.

Tudo era melhor, do que aggre-dir-nos, e sabe porque? Porque quando aqui se faz uma accusação d'esta ordem, é porque se tem fundamento para isso, é porque as palavras obrigam outras, ás provocações segue-se o desforço, e não é este o melhor meio de lançar agua na fervura, mas de a augmentar.

Vae n'isto um conselho. Se a *Regeneração* o quizer tomar, fará muito bem, senão ir-lhe-ba muito peor, na causa que defende.

Fizemos uma accusação explicita e terminante, como requeriam o objecto de que se tratava e a pessoa a quem ella se dirigia.

A *Regeneração* diz-nos: Provem. Então estamos em qualquer tribunal, ou mesmo em *sabbatina* d'estudantes, encastellados no preceito do velho Genuense. «A prova incumbe ao que affirma?» ou estamos no redil do senhor, e receiosos de que um dos pastores deixe entrar os

lobos esfaimados, pedimos-lhe que falle, e que nos inspire confiança, destruindo as vozes d'alarma, que por abi andam, em relação ao modo porque elle entende as leis da Igreja?

Quem devia acudir primeiro por si, nós, na prova, ou o prelado, na defeza? Pois havia este, de deixar correr um processo d'esta ordem, perante os fieis, quando uma simples declaração bastaria para pôr pedra em cima d'este deploravel incidente?

Porque o não faz s. ex.<sup>a</sup>? Pois um prelado da Igreja é uma individualidade como outra qualquer, e os deveres do seu ministerio são como os outros? Todos são deveres, é certo, mas com quanta mais rasão não obrigam a um prelado, cuja consciencia é, decerto, mais escrupulosa nas obrigações. que tem a cumprir?

Está á espera o prelado de que nós provemos os nossos assertos? Por Deus! não defenda assim a *Regeneração*, o illustre coadjutor do Arcebispado, não o defenda assim, que o condemna.

Um prelado, indiciado d'erro contra as leis da Igreja, sabedor da accusação, e á espera, de que lh'o provem, se não é caso para dizermos desde já, *reum habemus confitentem*, é para se nos levantarem no espirito, dolorosas aprehensões de que a defeza é impossivel.

A isto é que nós chamamos uma defeza *imprudente e leviana*.

Um conselho: não se metta o collega a *fanfarrão*. A cortezia não fica mal a ninguém, nem mesmo áquelle, que a não tem por habito; mas quem vem á imprensa, tem obrigação de saber que é logar de cerimonia, e não chavascal, onde cada um possa vir deitar o que quizer.

Para outra vez terá melhor, se der causa a isso.

Por ultimo, e em relação á questão, não nos obrigue a metter mão á chave da gaveta, e a tirar para fóra, o que lá deverá ficar para sempre, nas sombras do limbo.»

(Nação de 20 de julho de 1875.)

«O *Brado Liberal*, que se diz tambem — *semanario bracarense anti-reaccionario*, acode em defesa do Exc.<sup>mo</sup> Coadjutor de Braga. Não faltava mais nada senão vermos uma publicação *anti-reaccionaria* a defender um Prelado Catholico. Equivale a uma denuncia formal de heresia. Sem duvida S. Exc.<sup>a</sup> rejeita defensor tão compromettente; mas o que se vê é a defesa por tal defensor. É um verdadeiro enterramento.

Dizemos *defesa* por força de expressão; a defesa é miseravel. Quer-se attribuir a rigor disciplinar, usado com alguns sacerdotes, as queixas manifestadas na nossa folha pelas proposições escandalosas e subversivas, que, ao Exc.<sup>mo</sup> prelado, ouviram alguns ecclesiasticos. Ora a verdade é, que esses ecclesiasticos não pensaram em informar a *Nação*, nem tambem mereceram nenhum rigor por parte do seu superior ecclesiastico.

Diz o *Brado*, que começaram por chamar ao Prelado mação e inimigo da Religião, mas particularmente se fôr assim, para que traz o *Brado* isso a publico, sem provas, sem poder receber rectificação de accusados anonymos? Por fim talvez seja sarcasmo indirecto.

Por nossa parte declaramos respeitar, como é dever de fieis, o Prelado Bracarense; mas entendemos dever de fieis gritar fogo! fogo! se o vemos em casa.

Ora até hoje ainda nada vimos capaz de desfazer as asseverações de sacerdotes honestissimos e zelosissimos, que foram escandalizados com as enormidades, que transcrevemos, e contra as quaes todo o fiel tem direito de se levantar e bradar. . . Acudam ao fogo!

Dizia a antiguidade:— Platão é amigo; mais amiga deve ser a verdade. Nós dizemos tambem, muito respeitavel é a dignidade episcopal, mais respeitavel é a Igreja, que ordena obediencia ás suas leis.

Se pois as nossas representações vão ferir um prelado, é porque julgamos que elle deve ser o primeiro a cumprir as leis da Igreja.»

(Nação de 20 de julho de 1875.)

Agradecimento

Os abaixo assignados, esposa, sobrinha e compadre do fallecido sr. Antonio José d'Abreu, antigo negociante n'esta cidade, extremamente penhorados com todos os ex.<sup>mos</sup> snrs. que os comprimentaram por occasião de tranze tão doloroso, e especialmente com aquelles que além d'isso dignaram acompanhar no dia 26 o final á real igreja de Santa Cruz, e alli assistiram aos officios funebres no dia 27, e acompanharam á sua ultima morada, veem por este meio agradecer-lhes, profundamente reconhecidos, protestando a toda sincera e indelevel gratidão.

Braga, 29 de julho de 1888.

D. Custodia Maria de Jesus,  
D. Custodia da Graça Pereira,  
Antonio José Pereira. (5)

ANNUNCIOS

TANUARIA PORTUENSE

Os serviços d'esta tanuaria todos de madeiras especiaes, são feitos por individuos habilitados, e por preços commodos. Rua das Aguas n.º 60—Braga. (5)

Trabalhos de cabello

Fazem-se de lindos e variados gostos como são brincos, broches, correntes, aneis trancelins, e abotoaduras para CAMIZAS; quem pretender póde contactar na rua do Alcaide n.º 3—BRAGA. (3)

Venda de casa e quinta

Vende-se a casa n.º 27 do campo de D. Luiz junto ao quartel de Cavalaria, e uma quinta na freguezia de Ferreiros, logar da Gandra, pertencente a Anna Margarida de Castro Loureiro quem pretender fale com seu irmão na rua Nova n.º 5.

Este jornal está habilitado em conformidade com a

TYPOGRAPHIA LEALDADE.